

## **DESVENDANDO IDENTIDADES DE TRABALHADORAS DE CRECHES: TRAJETÓRIAS DE ALUNAS DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO EMERGENCIAL**

**COTA**, Tereza Cristina Monteiro – PUC-MG\*

**GT**: Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ n.07

**Agência Financiadora**: Sem Financiamento.

### **Delineamento do problema de pesquisa**

O tema identidade das profissionais que atuam nas creches muito me inquieta, suscitando importantes questões, como por exemplo, como é percebido pelos educadores, o trabalho das mulheres das creches? É possível afirmar que essas trabalhadoras pertencem à categoria dos professores, considerando que atuam no cuidado e educação de crianças pequenas? Quais são os possíveis traços identitários das trabalhadoras de creches?

Será que as mulheres que lidam, diariamente, com a função de cuidar e educar as crianças de zero a seis anos de idade, sendo o trabalho, resultado de anos de experiência, podem ser reconhecidas como professoras? Concordando com Silva (2001, p. 9), é preciso considerar que “a identidade profissional, em qualquer campo, é uma construção, ou seja, não é algo que exista pronto e acabado, mas que se faz nas relações com as diversas pessoas e instituições envolvidas.”

A identificação profissional das trabalhadoras de creche está fortemente vinculada à construção de gênero, colocando em questão os papéis das mulheres, legitimados socialmente. Na discussão sobre gênero, no que diz respeito à construção simbólica e cultural das mulheres, é importante destacar a relevância das pesquisas que apontam os silêncios e revelam as condições do trabalho feminino no campo da educação (MEYER, 2003).

Para justificar a relevância da pesquisa sobre as marcas identitárias das trabalhadoras de creches, aproprio-me de uma passagem de Kramer (2005, p. 38), onde ela afirma que “identidade profissional é um tema amplo, nem sempre fácil de analisar e, no caso da Educação infantil, ainda há muito a ser explorado.”

---

\* Mestranda da linha de pesquisa “Profissão Docente: constituição e memória”, do Programa de Mestrado em Educação da PUC-Minas Gerais. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Profissão Docente – GEPPDOC. Orientadora: Profa. Dra. Magali de Castro

Nessa colocação, está expressa a importância da pesquisa com as mulheres da Educação Infantil. Indo além, reafirmo que essas mulheres são silenciadas e, para melhor definir o sentido desse silêncio, é preciso compreendê-lo como a memória do privado, tal como escreveu Perrot (2005, p.33): “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”. E, quando remetemos à professora da Educação Infantil atuando em creches, essa sombra torna-se, por vezes, quase imperceptível.

Nesse trabalho, utilizo a expressão “marca identitária”, apoiada em Claude Dubar. O autor discute a dinâmica das identidades sociais e profissionais como um processo simultaneamente estável e provisório. Dubar (2005, p.135), afirma que “a identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma certeza maior ou menor e mais ou menos duradoura.” Segundo ele, a construção da identidade faz-se na articulação entre os sistemas de ação que propõem identidades virtuais e as trajetórias de vida, no interior das quais se constroem as identidades reais, estando essas de acordo com os espaços sociais

Esta pesquisa tem a intenção de identificar possíveis traços e processos identitários de trabalhadoras de creches, constituídos em suas trajetórias de trabalho e no Programa Emergencial para Habilitação em Nível Médio - Modalidade Normal - do Professor de Educação Infantil em Exercício<sup>1</sup>. Mulheres denominadas crecheiras, recriadoras, monitoras ou assistentes, com experiência profissional em creches e pré-escolas nos últimos dez anos e que, com isso, puderam acompanhar as discussões sobre o atendimento escolar às crianças de 0 a 6 anos, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96). Viveram no cenário da Educação Infantil quando essa passou a fazer parte da Educação Básica, instaurando uma nova concepção de educação para a infância. No entanto, pouco ouvimos sobre essas mulheres “professoras”, que são responsáveis pela educação e cuidado de crianças pequenas.

Compreendo as mulheres investigadas como atores plurais que, de acordo com Lahire (2002), são produtos da experiência de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. Assim, é possível afirmar que, ao longo de suas trajetórias,

---

<sup>1</sup> Esse programa iniciou-se no ano de 2001, sendo uma iniciativa das Instituições de Ensino Superior integrantes do Programa Minas Universidade Presente (UFMG, UEMG, UNIS, UFJF, UFV, UFU, FUNREI, UNILESTE, PUC-MG). Tal iniciativa veio atender às novas exigências legais para formação de professores para esse nível de ensino uma vez que a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/93, determina sua formação em nível superior, admitindo-se como formação mínima o magistério em nível médio. Esse novo ordenamento legal encontra uma realidade bastante diversificada em todo o país, em relação aos profissionais que atuam na pré-escola.

participaram de diferentes contextos sociais, ocupando posições diversas nesses contextos. Dessa forma, sinto a necessidade de trabalhar com o conceito de identidade, para deslindar as marcas identitárias e o processo de construção da identidade de trabalhadoras de creches.

### **Questões norteadoras e objetivos**

A partir da questão inicial: “como se dão possíveis traços e processos identitários de trabalhadoras de creches, constituídos em suas trajetórias de trabalho e no Programa Emergencial”, outras questões foram se delineando:

- Quem são as mulheres trabalhadoras, que cuidam e educam as crianças no interior das creches?
- Existem traços identitários das mulheres trabalhadoras de creches (marcas comuns a essa categoria)?
- Essas mulheres estão satisfeitas com seu trabalho? Se pudessem optar, permaneceriam nesse nível de ensino?
- Essas trabalhadoras se percebem como professoras da Educação Infantil?
- Qual a influência de um curso de formação emergencial no processo identitário dessas mulheres, que cuidam e educam as crianças pequenas?

### **Objetivo Geral:**

- Analisar traços e processos identitários de trabalhadoras de creches, constituídos em suas trajetórias de trabalho e no Programa Emergencial.

### **Objetivos Específicos**

- Caracterizar essas mulheres, considerando seu contexto sócio-econômico e cultural;
- Identificar e analisar suas concepções sobre o seu ofício no interior das creches;
- Identificar aspectos e fatores comuns que podem indicar traços identitários neste grupo de mulheres, quanto ao seu universo de trabalho;

- Identificar e analisar aspectos relacionados à construção e incorporação de *habitus* por essas mulheres, em suas possíveis implicações com seu contexto sócio-econômico e cultural e com a participação no Programa Emergencial.

### **Metodologia e estratégia de ação**

Para a realização da pesquisa sobre os traços e processos identitários de trabalhadoras de creches, constituídos em suas trajetórias de trabalho e no Programa Emergencial, optei pela abordagem metodológica da História Oral. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa.

Esta investigação está sendo desenvolvida com mulheres que participaram do “Programa Emergencial para habilitação em nível médio - modalidade normal - do professor de Educação Infantil em exercício, das creches e pré-escolas (municipais e comunitárias) da região do Vale do Aço - Minas Gerais”, mais especificamente com um grupo de mulheres que atuaram nos últimos 10 anos como professoras (também conhecidas como crecheiras, recriadoras, monitoras) na Educação Infantil. Esse recorte se deu em função do interesse em pesquisar professoras que atuam desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, que constituiu um marco na Educação Infantil do país, transformando-a de pré-escola em primeira etapa da escolarização formal.

A pesquisa em andamento enquadra-se nos estudos de História Oral, na medida em que a memória será primordial para a compreensão do percurso histórico-profissional das entrevistadas. O relato abaixo ilustra essa afirmativa:

*No início quando eu entrei as mães achavam que a gente era a babá delas. Porque tudo lá na creche era assim: dar banho, cortar cabelo, cortar unha, olhar piolho, passar remédio[...]. Quando eu entrei, na sexta-feira, era considerado o dia de faxina nas crianças. O que acontecia? A gente cortava as unhas das crianças, limpava o cabelo, passava remédio de piolho. Aí quando chegava sexta-feira à tarde a mãe pegava, ficava sábado e domingo com as crianças bem limpinhas e cheirosas. Quando era na segunda-feira, a gente pegava a criança toda suja. As mães não se preocupavam nem em dar um banho direito nas crianças. Elas achavam que aquilo era a obrigação da gente. E a gente mesmo fazia com que elas acreditassem nisso, porque a gente não fazia nada para mudar. Então a gente foi se conscientizando... a gente mesmo. A gente virou e disse: “isso não é papel nosso, não! Esse papel de está cortando unha, tirar bicho!” A época de bicho que era terrível!!! E a gente tinha que tirar. A mãe chegava de manhã e falava assim: “Óh, tia, o fulano tá com o pé cheio de bicho, vê se*

*tira, tá?” (Entrevista feita em 18/01/2006, com um dos atores da pesquisa).*

Segundo Oliveira (2001), o significado da História Oral numa pesquisa com professores diz respeito ao trabalho com a oralidade e com a sistematização das histórias de vidas, que viabilizam materiais que explicitam saberes construídos ao longo das trajetórias profissionais.

## Referências

- BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. *Diário oficial da União*. Poder Executivo, Brasília: DF, 16 de dezembro de 1996.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUBAR, Claude. *Formação, trabalho e identidades profissionais*. In: CANÁRIO, Rui (org.). *Formação e situações de trabalho*. Porto: Editora Porto, 1997.
- KRAMER, Sônia. *Profissionais de educação infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.
- LAHIRE, Bernard. *As condições sócio-históricas da unicidade e da pluralidade* In: Homem Plural. *Os determinantes da ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.24-37.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *A História Oral na investigação e nos processos de formação de professores*. IV Encontro Regional Sudeste de História Oral. Fundação Oswaldo Cruz/Casa O. Cruz. RJ, 7-9 nov.2001. Anais em CDrom
- MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e Educação: teoria e política*. In: LOURO, Guacira [et. al.]. *Corpo, gênero, e sexualidade: um debate contemporâneo em educação*. Petrópolis: vozes, 2003.
- PERROT, Michelle. *Identidade, igualdade e diferença: o olhar da história*. In: As mulheres e os silêncios da história. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. *As mulheres, o poder, a história*. In: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro Viviane: paz e Terra, 1988.
- SILVA, Isabel de Oliveira e. *Profissionais da Educação Infantil: formação e construção de identidades*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

**Desvendando identidades de trabalhadoras de creches: trajetórias de alunas de um Programa de Formação Emergencial**

**COTA, Tereza Cristina Monteiro - PUC-MG**

**Delineamento do Problema de Pesquisa (resumo)**

**Questões norteadoras e objetivos**

**Referencial Teórico Metodológico (resumo)**

**Referências**